

A QUEDA DA FRANÇA

Filipe Ribeiro de Meneses

JULIAN JACKSON

**The Fall of France:
The Nazi invasion of
1940**

Oxford
Oxford University Press
2003, 274 páginas

A derrota do exército francês em Maio e Junho de 1940 transformou uma guerra europeia num conflito mundial. Foi a iminência dessa derrota que levou à entrada da Itália no conflito, que se alargou assim ao Mediterrâneo; permitiu a invasão alemã da União Soviética; e contribuiu decisivamente para o aventureirismo japonês no Extremo Oriente, já que o regime de Vichy não teve força para se opor à ocupação nipônica da Indochina, que serviu de trampolim para os ataques desferidos contra as colónias britânicas, americanas e holandesas no Pacífico e no Índico. Para além da sua importância no evoluir da Segunda Guerra Mundial, a derrocada francesa foi um acontecimento marcante na história política da França, permitindo simultaneamente o acesso ao poder de uma extrema direita contida desde 1870 e o nascimento do mitos «Gaullismo» e «Resistência». Para Vichy, a derrota foi o resultado inevitável dos quase setenta anos da Terceira República, um regime que denunciava podre e desprovido de valores morais, minado pela maçonaria, pelo Marxismo, e pelos Judeus e cuja decadência teria atingido o seu ponto máximo nos anos da Frente Popular. Para de Gaulle, a derrota, meramente temporária, era apenas a mais

recente das muitas crises que a França sempre tinha sabido ultrapassar e que, como as precedentes, era «imputable aux fautes des Français, non au génie de la patrie». Por fim, a batalha da França constitui um ponto de referência (senão mesmo de partida) essencial para os desentendimentos entre a França e o mundo de língua inglesa, tão visíveis durante a recente crise iraquiana. Se para grande parte dos franceses da época a Inglaterra estava disposta a combater até ao último francês (e se os Estados Unidos, graças à sua neutralidade, eram em grande parte responsáveis pelo sucesso hitleriano), então para ingleses e, mais tarde, americanos, o exército francês demonstrou em 1940 uma enorme falta de talento e de coragem, em tudo diferente da inquebrantável vontade de resistir e vencer despertada e orientada por Winston Churchill.

FALSA DECADÊNCIA

Julian Jackson, da Universidade do País de Gales, Swansea, tenta, em *The Fall of France*, reinterpretar este acontecimento, estudando-o a partir de diferentes pontos de vista: militar, diplomático, político, social e cultural. As suas conclusões serão surpreendentes para muitos, especialmente aqueles que vêem a derrota de

1940 através dos prismas tradicionais, determinados sobretudo pelas memórias dos grandes intervenientes como de Gaulle e Churchill. O argumento essencial de Jackson é que não se pode julgar a Terceira República pela derrota sofrida em 1940. Os que o tentaram fazer, no célebre processo de Rio, em 1942, e mais tarde, durante a Quarta República, cedo se aperceberam disso. Jackson sugere convincentemente que, se o canal da Mancha não tivesse mais uma vez salvo a Grã-Bretanha, e se esta tivesse sido igualmente conquistada em 1940, o regime parlamentar britânico e as suas principais figuras seriam igualmente vistos como produtos de uma longa decadência. O entusiasmo britânico pela guerra, desde o seu início até Maio de 1940, foi nulo; o moral da população era baixo e a propaganda de guerra de má qualidade. Tanto nos Lordes como nos Comuns, para não falar em meios intelectuais, religiosos e até militares, havia figuras abertamente pacifistas, que defendiam um fim imediato e negociado do conflito. David Lloyd George, o vencedor de 1918, era tido como a grande esperança dos pacifistas britânicos, o homem que saberia negociar com Hitler. E mesmo Churchill, que conquistou o poder em Maio de 1940, não se pôde privar de ministros tidos como *appeasers*, a começar pelo próprio Neville Chamberlain, admitindo mesmo a possibilidade de negociar com Hitler o fim da guerra se este oferecesse condições aceitáveis. Se a derrota francesa não se deveu a uma suposta decadência, mito que serviu de base ao regime de Vichy, a que se deveu então? Em primeiro lugar, à natureza da aliança franco-britânica, fruto de duas décadas de desconfianças mútuas que impediram, nos campos militar e político, uma boa coordenação entre as forças dos dois países. A esta situação difícil, na qual os britânicos, graças ao seu contributo militar diminuto, tinham um papel secundário que

aceitaram de mau humor, juntou-se a terrível falta de entendimento com o exército belga, resultado da catastrófica declaração de neutralidade por parte da Bélgica em 1936. As tropas francesas e britânicas que entraram em território belga, de acordo com o plano Dyle, cedo se aperceberam de que não poderiam contar com um terreno fortificado para travar os alemães. Em segundo lugar, a uma terrível falha dos serviços de informações militares aliados, que não só não souberam adivinhar o plano de ataque alemão, como ainda não se aperceberam do enorme movimento de blindados através das Ardenas em direcção ao rio Meuse. Quando este foi atravessado, e as divisões blindadas alemãs se lançaram para o canal da Mancha, tudo estava perdido. A resposta às perguntas, tantas vezes feitas por soldados e oficiais franceses – «Onde estão os nossos aviões? Onde estão os nossos tanques?» – era simples: estavam na Bélgica, dando boa conta de si, mas fazendo-o no sítio errado. Segundo Jackson,

«If only the French High Command had realized what was happening, the huge concentration of German armour moving through the tangled roads of the Ardennes would have offered an easy target to Allied bombers. As it was, most bombers were being dispatched to northern Belgium to impede the German advance there (...).»

A primeira grande batalha de blindados da Segunda Guerra Mundial, hoje esquecida, ocorreu na Bélgica, em Hannut, a 13 de Maio. Duas divisões motorizadas francesas travaram o avanço alemão nesse dia apesar de entre elas contarem com um número inferior de blindados (320 contra os 650 tanques alemães) e de não gozarem de apoio aéreo. Por fim, a derrota deveu-se à presença de unidades de segunda ou mesmo terceira linha no ponto fulcral da

batalha, nas Ardenas, unidades essas que, desde logo, se mostraram incapazes de reagir às novas formas de combate do exército alemão e cujos oficiais e soldados se deixaram convencer, cedo de mais, que tudo estava irremediavelmente perdido.

Jackson é bastante benévolo para com a máquina de guerra francesa, contrariando a visão tradicional de um exército pronto para combater de novo as batalhas de 1914-1918, e até o desenvolvimento, fabrico e distribuição pelas várias unidades de novas armas (tanques, aviões, artilharia moderna) são de certa forma elogiados. Após o abrandamento de produção que marcou os anos da Frente Popular, a indústria de guerra francesa estava a trabalhar em pleno, permitindo ao exército francês em Maio de 1940 gozar de uma superioridade numérica em termos de blindados, muitos dos quais eram qualitativamente superiores aos seus rivais alemães, e de artilharia (embora neste campo houvesse deficiências graves quanto a artilharia antiaérea e anti-tanque). E a situação no ar era em tudo semelhante; a produção de aviões de combate tinha aumentado de 41 unidades por mês em finais de 1938 para 300 por mês em Setembro de 1939 e milhares de aviões de combate tinham sido entretanto encomendados nos Estados Unidos. Do que a França precisava agora era do tempo necessário para que as suas unidades de combate absorvessem todo este material de guerra e aprendessem a utilizá-lo da melhor forma. Jackson afirma até que a Linha Maginot, tantas vezes descrita como um «elefante branco» que minou o espírito ofensivo do exército francês, fazia sentido, pois forçava o afunilamento do exército alemão, potencialmente maior (especialmente depois da absorção da Áustria e da Checoslováquia) que o francês. Por razões políticas e táticas a Linha Maginot não acompanhou a fronteira

franco-belga, mesmo depois da adopção da neutralidade por parte da Bélgica: mas, ao reduzir para metade a possível frente de batalha, a Linha Maginot cumpriu integralmente o seu papel.

UMA QUESTÃO DE LIDERANÇA

As lições da Primeira Guerra Mundial quanto à organização de uma economia de guerra tinham sido aprendidas em França, que estava pronta para travar um combate que se adivinhava como longo, em 1939 e 1940. O pacifismo típico dos anos 20 e 30 entrou em franco recuo em 1939, e foi facilmente controlado pelo governo de Daladier nos meses iniciais da guerra. A agressividade de Hitler e de Mussolini ultrapassou os limites que a sociedade francesa estava disposta a aceitar, e tornou mais um esforço de defesa nacional, após os sacrifícios de 1870 e de 1914, numa necessidade compreendida por quase todos. Mesmo a oposição à guerra do Partido Comunista, enfraquecido pelas medidas adoptadas por Daladier em Setembro de 1939, poucos resultados práticos teve. Nas fábricas de guerra, como já foi referido, a produção não cessou de aumentar; e se o exército francês atravessou uma crise de moral no Inverno de 1939-1940, esta deveu-se sobretudo ao mau tempo e ao longo período de inacção que os soldados tiveram de enfrentar e não a uma qualquer propaganda pacifista. Tal como na Grã-Bretanha, a propaganda de guerra francesa foi ineficaz, sendo difícil explicar à população porque continuava a guerra após a derrota da Polónia; a esperança de manter a Itália fora do conflito tornava impossível o falar de uma guerra entre a Democracia e o Fascismo. Mas a chegada da Primavera, a organização da expedição à Finlândia (que seguiu não para o seu destino original, mas sim para a Noruega) e, por fim, a invasão alemã levaram a uma melhoria do

estado moral de militares e civis; a guerra voltou a fazer sentido em Maio de 1940. Memórias de anteriores invasões alemãs, porém, levaram ao enorme êxodo de civis, que procuraram em vão uma linha de combate atrás da qual encontrassem segurança; e, sem dúvida, o moral das tropas estacionadas no sector das Ardenas foi abalado pela natureza do ataque alemão, cedendo rapidamente.

Mesmo assim, ao investigar cuidadosamente o evoluir da batalha, Jackson chega à conclusão que, em divisões tão denegridas como a 55.^a e a 71.^a, houve unidades que resistiram até ao fim, ou que procuraram sem sucesso oficiais munidos de ordens superiores capazes de as liderar (sendo os seus movimentos entendidos por outras unidades como um recuo). O moral do exército francês chegou mesmo a subir em Junho, após a primeira fase da batalha e a substituição de Gamelin por Weygand. Os Stukas já não eram universalmente temidos e a adopção de uma nova táctica defensiva – os «ouriços», ou «posições-forte» – contribuiu significativamente para o aparecimento de uma nova combatividade, demonstrada pelo aumento apreciável das baixas sofridas pelos alemães. Já era, porém, tarde demais, não só nos campos de batalha como também dentro do governo francês, onde a influência militar (Weygand/Pétain) não cessava de crescer, pondo em primeiro plano, de acordo com

um sentimento catastrofista dominado por noções de «decadência», o espectro de uma nova, e muito mais sangrenta, Comuna de Paris, e impossibilitando todos os planos para a continuação da guerra a partir do Norte de África. O primeiro-ministro, Reynaud, não conseguiu dominar a situação política e demitiu-se, perante o aparente apoio do Executivo a Pétain (um apoio nunca posto à prova, porém, num Conselho de Ministros): e na sua frustração Reynaud deixou para de Gaulle o papel de encarnação da beligerância francesa. Jackson escreve,

«Reynaud's tragedy in 1940 was that, having failed, in an impossible situation, to be the new Clemenceau, he also missed the chance to be de Gaulle. Reynaud never forgave himself for that».

The Fall of France é um exemplo claro de como a compreensão de um acontecimento militar beneficia de um alargamento da investigação a outros planos, sejam eles políticos, culturais, ou sociais. Explicações essencialistas sobre os méritos relativos de diferentes povos, ou assentes em noções de decadência e ascensão, são tentadoras durante e imediatamente após um conflito, mas não sobrevivem a um trabalho historiográfico cuidado e persistente como esta obra de Julian Jackson, convincente da primeira à última página. **RI**